

Epistemologia do hipertexto: para uma não dicotomia entre leitura e escrita

Epistemology in hypertext: not for reading and writing between dichotomy

Dinora Moraes de Fraga^a

Editora

Maria Inês Côrte Vitoria
PUCRS, RS, Brasil

Equipe Editorial

Pricila Kohls dos Santos
PUCRS, RS, Brasil
Marcelo Oliveira da Silva
PUCRS, RS, Brasil
Carla Spagnolo
PUCRS, RS, Brasil
Rosa Maria Rigo
PUCRS, RS, Brasil

RESUMO: Inserimos a noção de totalidade e fragmento no lugar epistemológico do sistema do universo conceitual deste texto para a compreensão de todo o trabalho realizado com a textualidade da linguagem digital. Envolvermos, nesse aspecto, principalmente, o trabalho com mídias digitais ou o uso da internet e outros programas de tecnologias de comunicação, viabilizados pelo computador.

Palavras-chave: Hipertexto. Totalidade. Fragmento. Sistema. Processo.

ABSTRACT: We inserted the notion of wholeness and fragment in the place of the epistemological system of the conceptual universe of this text for the understanding of all the work done with the textuality of the digital language. We involved in this aspect, mainly, the work with digital media or the use of internet and other communication technologies programs made possible by the computer.

Palavras-chave: Hypertext. Totality. Fragment. System. Process.

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

^a Doutora em Linguística e sSemiótica pela USP. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras no Centro Universitario Ritter dos Reis.

Introdução – Sistema, estrutura e processo

No século passado, a teoria dos sistemas aparece como teoria geral mas possui o elemento como princípio explicativo. Na generalidade do sistema, tudo aquilo que era matéria tornou-se sistema - o átomo, a molécula. Tudo que era biológico tornou-se sistema vivo. Pensar que o todo tem força explicativa é um reducionismo. O sistema, como proposta de totalidade, visto tanto pelo todo como pelas partes, permanece atrofiado. É importante separar o pensamento sobre sistema da visão ontológica clássica sobre objeto. Este, na clássica visão de sistema, passa a ser, enquanto transformado em conceito, uma construção que abstrai a realidade, que é complexa e concreta, das organizações física e sociocultural. Morin (1998) propõe o paradigma sistêmico, na busca de superar o reducionismo ao todo ou das partes. O que é novo na ideia de paradigma sistêmico é assumir a impossibilidade de conhecer as partes sem conhecer o todo e vice-versa. Torna-se necessário extrair daí um tipo superior de racionalidade, através do que chama de “circularidade construtiva”, onde a explicação pelo todo ou pela parte se torna complementar, num movimento de circuito ativo. A manutenção de certa posição e de certo jogo entre dois processos que se excluem na lógica clássica é retomado como fecundante. É a procura da explicação no movimento retroativo de um processo sobre outro (todo <parte> todo). Nesta perspectiva, o todo é uma macrounidade onde as partes não são fundidas. As partes têm uma identidade que permanece, logo não são redutíveis ao todo.

Assim pensando, assumimos que os sistemas biológicos, atômicos, sociais permitem pensar que um sistema não é só uma constituição de uma unidade, a partir da diversidade, mas uma constituição de diversidade a partir da unidade. É o caso da morfogênese biológica, onde a partir de um ovo, indiferenciado, se desenvolve um organismo constituído por células e órgãos extremamente diversos. É o caso, também, de sociedades onde coexistem culturas de identidade e culturas de diversidades, como é o caso da globalização em sua relação com o multiculturalismo. Opera-se, então, a circulação entre o uno e o diverso. A diversidade organiza a unidade que organiza a diversidade. Neste movimento, entendemos que o todo é mais que a soma das partes. As emergências são propriedades novas, O todo é, também, menos que a soma das partes, porque há coações resultantes da organização do todo. O todo é, também, mais que o todo porque o todo retroage sobre o todo, que é, antes de tudo, um dinamismo organizacional. No campo do humano, entendemos o aparecimento das emergências. As partes podem ser mais que o todo - o desenvolvimento não está, necessariamente, na constituição de totalidades cada vez mais amplas, mas pode estar na independência e liberdade das pequenas unidades. O todo é, também, menos que o todo. No todo, há zonas de obscuridade, ignorância e mesmo, cisões, falhas entre o que reprime e exprime, o imerso e o emergente. Esta ideia já aparece nas teorias da linguagem pós-estruturalistas quando, ao explicar a produção do sentido, afirmam que o plano da manifestação não é revelador da totalidade da significação. Assim, o todo se torna, também, incerto, insuficiente e conflituoso.

Retomamos, neste instante, a partir das ideias desenvolvidas, o que está sendo entendido por sistema. Assumimos a ideia de sistema que não seja totalitário, logo não hierárquico. A ideia da relação multidirecional entre partes e todo, no sistema, é complementada por outros dois termos: interação e organização. O primeiro termo nos elucidava sobre o fato de que os sistemas são constituídos de ações entre unidades complexas. Uma sociedade é constituída pelas interações que se estabelecem entre indivíduos. Estas interações constituem a organização do sistema. A organização é construtiva. Regula e estrutura as interações. Assim, sistema é a unidade complexa, o caráter fenomenal do todo. Estes três termos são indissociáveis. A ideia de organização é a que corresponderia a noção tradicional de estrutura ou sistema. Na visão aqui apontada, reconhecemos o papel das emergências. Sem elas, a organização causaria entropia do sistema. Não se trata de substituir a ordem pela organização, mas de propor um princípio sistêmico organizacional que considere a desordem que gera novidades e permite transformações dos sistemas. Não podemos falar em estrutura, sem, ao mesmo tempo, falarmos em interações e organização.

Este é o caso, por exemplo, da relação entre discurso e língua. O discurso age a partir de e sobre o sistema, que entra em desordem, nega a entropia e surgem as transformações que se organizam, entram para o sistema, alterando-o, para, em seguida, serem transformados pelas novas emergências. Não existe neste movimento possibilidade de controle pelo sistema, apenas ação da força de conservação que lhe é característica. Entretanto, como vimos, haverá, sempre, um movimento que impedirá que o sistema se extinga devido a entropia. Atualmente, conceitos como labirinto, rede, teia respondem a esta concepção complexa de sistema. No caso particular de teorias sobre produção de sentido, vemos atualmente conceitos como rizoma, (DELEUZE; GUATTARI, 1995) Hipertexto (LANDOW, 1995). Retomamos, como pertinente para esta visão, o conceito de texto estelar (BARTHES, 1970). Estes autores assumem esse duplo movimento de articulação do já construído com o novo, isto é, das interações que vão organizando as estruturas.

As ideias apresentadas sobre sistema permitem reflexões sobre outros conceitos de uso clássico no campo da Linguística como totalidade e fragmento, ou de parte e todo.

Sobre totalidades e fragmentos

Queremos, neste trabalho, argumentar que aquilo que é chamado de fragmentação ou parte é apenas uma leitura de um processo que gera multiplicidade que, por efeito tardio dos modos de conhecimento do pensamento moderno, é lido como fragmento. Na relação entre o fazer e o compreender, estamos projetando sobre um fazer interrelacional a concepção de fragmento porque, conforme fomos instruídos pelo pensamento moderno, acreditamos naquilo que nossos sentidos percebem. É claro que as interconexões, não sendo perceptíveis pelos sentidos, mas concebidas por

um ato de pensamento, não são apreendidas de imediato como formas de estruturar o conhecimento. Assim, vemos fragmentos, onde temos conexões.

A compreensão de fragmento pode ser pensada como se originando em uma vertente epistemológica localizada na ciência moderna, através de procedimentos de análise e síntese de estruturas, dentro de uma concepção que organiza, também, os modos de produção industrial, orientada pela ideia de sistema, compartimentalização e funcionamento. A ciência moderna produz uma atitude epistêmica, termo proposto por Foucault para designar o modo como uma época interpreta seus signos, logo a produção de sentidos na sociedade e na cultura. Esta atitude gera um modo cognitivo de uma época e, como tal, orienta os modos de estruturação das linguagens e a construção dos aparelhos formais para seu estudo. Senão, vejamos. É a lógica do todo e da parte que orienta a concepção clássica de texto verbal, entendido como dado empírico, constituído de partes – o parágrafo, os períodos, as frases, as sílabas e, finalmente, a menor parte possível de segmentação, que é o fonema ou o grafema. Com começo e fim perceptíveis, o texto deve se organizar em torno de um núcleo, manifestação do ideal de unidade temática, há que se organizar com coesão e coerência. Esta atitude epistêmica orienta a Biologia – um corpo é dividido em partes, em que a menor parte é a célula; na Física, a matéria é decomponível até chegar à sua menor parte, que é o átomo. É nesta lógica analítica que surge a ideia de fragmento. Omar Calabrese (1987) nos auxilia, neste instante, elucidando que o fragmento envolve uma prática analítica-indutiva, que o reenvia a uma estrutura suposta como ausente. Refere que, por exemplo, uma estátua em que falta a mão é uma totalidade com lacuna. Contudo, se renunciarmos a lógica de pertença de um fragmento a um sistema, o que era uma parte se torna um inteiro. Assim, uma mão sem pertença a um sistema, que é o corpo humano, constitui-se em uma totalidade, um inteiro. O conceito de enunciação, nas teorias da linguagem de cunho pós-estruturalistas, é importante porque nos auxilia a compreender que o sentido de toda a manifestação é resultado de um jogo cujos componentes são os interlocutores, e a situação, onde incluímos o momento de enunciação. Tudo que é manifesto, entendido como enunciação sociocultural, significa, segundo os elementos deste jogo. O que resulta desta situação será um sentido por inteiro, mesmo que haja uma só palavra. Isto porque o contexto psicossociológico será a instância onde o sentido constituir-se-á sempre de forma completa. Pela enunciação, uma mão, uma palavra, um grito serão um inteiro, não um fragmento. Há uma cultura de intertextos e de hibridismo de linguagens em que vivemos, onde os sons, as cores, o movimento e a emergência de novas significações de tempo e espaço.

Especialmente útil para esta reflexão é o conceito de holograma, que nos vem da Física, com a pesquisa em ótica, que valeu a Dennis Gabor um prêmio Nobel. Seguido pelo neurocientista Karl Pribram e pelo físico David Bohm a holografia inspira estes dois cientistas para a proposta de que nossos cérebros constroem matematicamente a realidade dita concreta, interpretando um universo holográfico. O que existe é uma ilusão de concreticidade. A ciência tem objetivado a natureza, observando-a através de lente (WILBER et al., 1995). Holografia é um método de

fotografia sem lentes. O campo ondulatório da luz é espalhado sobre um objeto e registrado numa chapa. O registro fotográfico, o holograma, exposto a um feixe de luz, como o laser regenera o padrão ondulatório original. Aparece, então, uma imagem tridimensional. O importante para nossa argumentação é considerar que qualquer pedaço do holograma pode reconstituir a imagem inteira, vindo ao encontro da crítica ao fragmento.

Na esteira deste pensamento passamos a pensar a célula, não como um espaço vazio, menor parte possível de decompor os seres biológicos, mas como um holograma do corpo humano. Isso é facilmente compreensível se pensarmos que todo o código genético dos seres humanos está inscrito na célula.

Nas repercussões epistemológicas para a compreensão das significações sociais e culturais, somos autorizados a compreender por que um publicitário ou um jornalista utiliza recortes de jornal ou de imagens e os reunifique, segundo um princípio de pseudo fragmento, dado que não havia ideia unificadora ou tema central. Os sentidos se processam, neste caso, por saltos, de um lugar a outro, de um extremo a outro, fazendo sentido. Trabalha-se, aí, com a prática de espalhar, evitando-se o centro. A tônica recai sobre as irregularidades e não sobre a sistematicidade ordenada. Perde-se propositalmente a integridade, as identidades fixas, a globalidade. Buscam-se as instabilidades. Produzem-se e compreendem-se conexões improváveis. É possível pensarmos em reunir fenômenos diferentes, sem que o critério de reunião seja o paradigma, que envolve movimento e mudança, também, mas apenas as autorizadas pelo paradigma. Bruno Latour (1994) diz que se apertarmos “o mais inocente dos aerossóis” seremos levados à Antártida, de lá a uma universidade, onde se discute sobre química dos gases, depois iremos às linhas de fabricação dos recipientes e, de lá, talvez ONU, quando haverá uma conferência que inclui os gases na segurança do planeta. Nossos corpos também podem ser pensados como hologramas, na medida em que nossa roupa, nossos gestos atualizam os espaços físicos e socioculturais onde vivemos. Eles estão em nós, comprometendo nossa condição de seres “naturais”. Pensamos que uma teoria de texto que melhor contempla essa textualidade é a que vem pelo conceito de hipertexto, acrescentando a possibilidade de recuperarmos a proposta que Roland Barthes (1970) fazia na década de setenta, com o conceito de texto estelar ou estilhaçado. Para ele o texto é plural. Tudo significa sem cessar e várias vezes, mas sem se submeter a um grande conjunto final, a uma estrutura última. O texto é uma rede com mil entradas. São suas preocupações:

- comparar um texto a um céu, simultaneamente plano e profundo, sem margens, nem ponto de referência;
- traçar zonas de leitura para nela observar a migração dos sentidos; os termos onde se produzem links visam ao plural do texto e a seu inacabamento;

O leitor do texto estelar pode obedecer ou não obedecer a ordem de entrada. O texto se organiza para a releitura. Ao contrário dos hábitos consumistas que recomendam a abandonar o texto, uma vez lido, o autor propõe o contrário porque ler novamente não significa repetir a leitura, mas multiplicá-la, significa produzir diversidade. Não há primeira leitura. O livro não entra no consumo, mas no jogo que é o retorno da diferença. No hipertexto, há corpos de textos

interconectados pelo leitor, sem um eixo fixo de organização. É experimentado como um sistema que se descentra indefinidamente, dentro das previsibilidades constitutivas da tecnologia informática.

Se o hipertexto envolve um movimento de interatividade na produção de sentido, manifesto ou não em tecnologias “facilitadoras”, como é o caso do hipertexto em informática, então se torna necessário um conceito que dê conta do sentido como movimentos de retardamento, precipitações, avanços, retornos, que constituem o entendimento referido das múltiplas entradas. Pensamos que a ordem de pensamento aqui construída nos compromete a propormos um conceito que melhor diga sobre a concepção de textualidade apresentada. Assumiremos o termo utilizado por Ítalo Calvino (1990). Trata-se da multiplicidade. Aliás, a argumentação apresentada pelo autor para a multiplicidade como uma das seis propostas para o próximo milênio, é perfeitamente compatível com a ordem de ideias construída para este trabalho. Para o autor o romance contemporâneo, entendido como enciclopédia se constitui em um método de conhecimento porque vê o mundo como um sistema de sistemas. Através do texto de um escritor italiano, Carlo Emilio Gadda (apud CALVINO, 1990) o mundo é visto como um rolo, uma embrulhada- há a presença simultânea de elementos heterogêneos. Cada objeto mínimo é visto como o centro de uma rede de relações de que o escritor não consegue se esquivar. De qualquer ponto de que o escritor parta, diz-nos Calvino (1990), seu discurso se alarga de tal forma que, se pudesse se desenvolver em todas as direções, abraçaria o universo. É uma intrincada rede, ilustrada por um episódio sobre uma joia roubada. Cada pedra preciosa dá lugar à sua história genealógica, sua composição química, referências históricas e artísticas. As coisas são apresentadas como relações infinitas, passadas e futuras, reais ou possíveis, todas convergindo para elas. A estrutura de uma obra assim concebida se modifica continuamente, não é possível ser terminada porque se “dilata em seu interior por força de seu próprio sistema vital” (CALVINO, 1990, p. 126).

Voltando ao começo

Se o perigo do uso de teorias consensuais é o desconforto do “já visto”, o que significa o fortalecimento do consenso, que traz importantes implicações econômicas e políticas, devido ao custo que a hora de trabalho de um pesquisador tem para os cofres públicos e à sua responsabilidade na contribuição para a mudança de mentalidades, por outro lado, por permanecer no limbo do já pensado, garante uma zona de conforto para o pesquisador que vê seu trabalho sendo lido e aprovado pela comunidade de pesquisadores do qual faz parte. Por outro lado, instituir seu lugar em zonas de rupturas, acarreta, também, um duplo movimento. Trabalhar com teorias novas exige uma construção a um modo novo de gerar conhecimento, que, necessariamente nos pega despreparados. O resultado são aproximações incipientes dos conceitos aos nossos objetos de estudo, ou, mesmo, tendência a repetir como estratégia

de apropriação da novidade. Contudo, se ganha política e economicamente pelas razões inversas às apontadas antes. Entre uma e outra posição, este texto coloca-se veementemente e buscando ser o mais responsável possível, ao lado dos perigos do novo.

Referências

BARTHES, Roland. **S/Z**. Lisboa: Edições 70, 1970.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

LANDOW, Georg. **Hipertexto**: la convergência de la teoria critica contemporânea y tecnologia. Barcelona: Paidós, 1995.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MORIN, Edgar. **O método**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

WILBER, Ken. **O paradigma holográfico**. São Paulo: Cultrix, 1995.

Endereço para correspondência:

Dinora Moraes de Fraga
Rua Barão de Ubá, 299/402 – Bela Vista
90450-090 Porto Alegre, RS, Brasil
<dradmf@terra.com.br>

Recebido em: abril/2014

Aceito em: julho/2015